

A CONTRIBUIÇÃO DA IMPRENSA LITERÁRIA FORTALEZENSE PARA A HISTÓRIA DA LITERATURA CEARENSE

Luciana BRITO*

Resumo: Na segunda metade do século XIX, apesar de vários fatores concorrerem para o declínio econômico e político do Ceará, a atividade artística, principalmente a literária, foi intensa e fecunda em Fortaleza. Vários intelectuais formavam agremiações, espaços de sociabilidade onde discutiam os mais variados assuntos, sobretudo os literários. O escritor cearense Leonardo Mota (1938), procurando fazer um levantamento das academias e grêmios literários que surgiram entre 1870 e 1939, responsáveis pela propagação das letras no Ceará, concluiu que, de 1870 até 1900, foram trinta e sete os grupos que atuaram no contexto intelectual cearense, e a maior parte surge na cidade de Fortaleza. Segundo diversos estudiosos, como é o caso de Dolor Barreira (1948), foi de extrema importância para a história da literatura cearense a presença de revistas e jornais literários veiculados por essas agremiações.

Palavras-chave: Academias Literárias. Imprensa. Literatura Cearense.

THE CONTRIBUTION OF THE FORTALEZA LITERARY PRESS TO THE HISTORY OF LITERATURE IN THE STATE OF CEARA

Abstract: Although various factors had contributed to the economic and political decline of the State of Ceara, in the second half of the 19th century, artistic activity, mainly literary, was intense and plentiful in Fortaleza. A number of intellectuals formed separate associations, places for social interchange where they discussed many diverse issues especially literary ones. Leonardo Mota (1938), a writer from Ceara, surveying the academies and literary groups that emerged between 1870 and 1939, who were also responsible for the spread of literature in Ceara, concluded that, from 1870 to 1900, there were thirty seven groups acting within the intellectual context of Ceara, most of them from the city of Fortaleza. According to several scholars like Dolor Barreira (1948), the literary magazines and journals distributed by those associations, were of extreme importance to the history of literature in Ceara.

Keywords: Literary Academies. Press. Literature in Ceara.

* Professora Adjunta Doutora – Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho – UENP - Universidade Estadual do Norte do Paraná, Campus de Jacarezinho - Rua Padre Melo, 1200, Centro, CEP: 86400-000, Jacarezinho, Paraná, Brasil. E-mail: lbrito@uenp.edu.br.

Cabe salientar que a evolução das nossas letras se processou, outrossim, derredor de simples revistas literárias, autônomas [...] Em torno delas, com efeito, movimentavam-se vibrantes e intensíssimas agitações espirituais, de irrecusável influência, na incrementação do nosso patrimônio literário.

Dolor Barreira (1948)

No início da colonização do Brasil, situado a meio caminho entre as capitanias do Norte e as de Pernambuco e da Bahia, o Ceará se apresentava aos olhos da Coroa Portuguesa como um ponto estratégico de ligação entre essas duas regiões. Essa é a razão maior que levou os colonizadores a se interessarem por uma terra sem produtos de valor comercial que pudessem despertar a cobiça da Metrópole. Era importante para Portugal ocupar essa região, pois a costa cearense sofria de calmarias temporárias que dificultavam a comunicação entre o norte e o leste da colônia. De acordo com Girão (1947), uma caravela, por exemplo, que saísse do Maranhão para Pernambuco, ou em sentido contrário, teria que esperar uma boa temporada até que os ventos voltassem a soprar favoravelmente. A demora era tanta que há quem diga que melhor seria ir a Lisboa e de lá retornar para as outras capitanias. Portanto, manter uma povoação fortificada nessas terras do meio convinha aos exploradores da riqueza colonial. Fortaleza vai nascer, assim, como um local de baldeação, onde as naus poderiam fazer eventuais aguadas, ou, quando não, deixá-las fundeadas e seguir viagem por terra, até alcançar as águas do rio Parnaíba, entre o Piauí e o Maranhão.

Desde o início, a história de Fortaleza é marcada por altos e baixos constantes. A chegada dos colonizadores foi muito custosa e de pouco sucesso inicial. A seca e os índios foram grandes entraves, além do fato de não ter sido achado nenhum metal precioso. O forte marca a ocupação e o surgimento da cidade como elemento protetor dos colonizadores. A vila, depois cidade, consolida-se como entreposto para navegadores entre as capitanias do sul e do norte. Mais tarde, em 1799, com a autonomia administrativa da província do Ceará, Fortaleza torna-se a capital e principal ponto de convergência da produção de charque e algodão, que geram a riqueza necessária para a consolidação da cidade como líder entre todas as outras (GIRÃO, 1947).

Ao longo do século XIX, a cidade de Fortaleza constituiu-se uma das mais importantes cidades cearenses, atuando, decisivamente, no escoamento da produção regional bem como na importação de diversos bens manufaturados, ou seja, servindo como verdadeira porta de saída e entrada da Província (STUDART, 1924). Esse contexto de significativo crescimento econômico, seguido de avanço urbano, expansão populacional e relativo progresso cultural, tornou-se campo razoavelmente fértil às práticas jornalísticas que

evoluíram, consideravelmente, junto à comunidade cearense, durante aquela época. Por outro lado, o desenvolvimento da imprensa também serviu à caracterização da cidade como um dos mananciais de modernização do país.

Acompanhando o fato de que Fortaleza desempenhou papel primordial na província, a imprensa foi uma das mais destacadas do Nordeste e mesmo do Brasil, tanto pela quantidade, quanto pela qualidade de seus periódicos. Assim, além de ter sido uma das primeiras localidades cearenses a possuir jornais, Fortaleza teve algumas das mais perenes folhas, em termos provinciais/estaduais, as quais chegaram a circular por várias décadas. Nesse sentido, o jornalismo praticado nessa cidade portuária acompanhou, passo a passo, de modo muito próximo, a evolução do conjunto da imprensa brasileira do século XIX.

O porto de Fortaleza não representou apenas "a porta de entrada" da Província, em termos do comércio de mercadorias, servindo também à circulação de informações, ideias e opiniões, pois, durante significativo período, as notícias chegavam ao Nordeste por intermédio dos jornais do Rio e da Europa, vindos de navio. Era ainda comum a reprodução de notícias de periódicos do centro do país e estrangeiros, porém a recíproca era verdadeira, uma vez que jornais da Corte reproduziam informações (e opiniões) prestadas pelas folhas de Fortaleza.

Além disso, havia também um intercâmbio entre os jornalistas, pois muitos dos escritores que atuaram em Fortaleza já haviam trabalhado ou viriam a atuar em atividades jornalísticas no centro do país. Ao lado dessa circulação de notícias, a imprensa fortalezense agiu constantemente na emissão e construção de uma prática discursiva, dando voz aos mais variados grupos, frente aos partidos políticos que estavam em atividade no contexto regional e nacional, notadamente durante a formação do Estado Nacional Brasileiro e a transição da Monarquia à República.

Nesse quadro, o crescimento da imprensa fortalezense, no século XIX, acompanhou o processo de desenvolvimento do jornalismo brasileiro, mormente do nordestino, tanto no aspecto cronológico, quanto nas estruturas de organização e sustentação. Mesmo com alguma defasagem com relação aos progressos das atividades jornalísticas na Capital imperial/Federal, o jornalismo na cidade de Fortaleza desenvolveu-se de modo coetâneo, como da maior parte da conjuntura nacional, e chegou a ser pioneiro, se relacionado com a conjuntura regional.

Em Fortaleza, em 1816, possivelmente já circulavam as chamadas "folhas" ou "folhetos", dos quais quase não há registros. Segundo Montenegro (2004), estes chegavam à população letrada por meio da ação de agentes maçônicos-revolucionários que, em viagens pela região, os distribuíam com o intuito de favorecer a formação de um projeto libertário. Sabe-se, apenas, que eram manifestações contra o sistema monárquico-absolutista e contra a opressão praticada na colônia, como é o caso de *O Preto e Bugio no*

mato, duas folhas revolucionárias sobre as quais não se têm notícias precisas, sabe-se apenas que foram proibidas e recolhidas pelo governo.

Havia, também, os periódicos importados, como é o caso de *O Português e Correio Brasiliense*, que apregoavam ideias liberais com o intuito de favorecer aberturas no sistema colonial. O *Correio Brasiliense*, apesar de circular clandestinamente, era muito bem aceito em Fortaleza. Periódico de tipo doutrinário, mais do que informativo, exerceu grande influência em toda a colônia, orientando as elites em assuntos políticos e econômicos. O seu fundador, Hipólito da Costa¹, que editava o periódico em Londres, manifestou-se, em diversos momentos, contra inúmeras práticas da coroa portuguesa. *O Português*, embora com menor raio de influência, também era lido em Fortaleza. Pregava uma nova política para Portugal, condenando seu atraso e dependência econômica.

Tanto as folhas revolucionárias quanto os periódicos importados não eram aceitos na província pelo governo, inclusive a Corte enviou pedido de apreensão dos exemplares de alguns jornais, tidos como perigosos, conforme atesta o fragmento abaixo, escrito pelo governador Sampaio²:

Tendo procedido às diligencias necessárias a fim de recolher os exemplares dos folhetos intitulados O Preto e o Bugio do Mato que aparecessem nesta Capitania, como me foi ordenado por Aviso de 14 de novembro próximo passado, devo assegurar a V. Excia. que ainda até agora não pude aqui descobrir nenhum dos ditos exemplares, e fica ao meu cuidado a continuação das precisas diligencias para a apreensão dos que acaso possam para o futuro vir a entrar nesta Capitania. Seria bem para desejar que V. Excia. se dignasse também dar-me as competentes ordens a respeito dos exemplares do Correio Brasiliense, Português, e outros papéis incendiários impressos em Londres, que foram sem dúvida a causa principal da rebelião de Pernambuco. Estes impressos têm nestes últimos tempos sido lidos com entusiasmo e satisfação pelos habitantes destes sertões. (SAMPAIO *apud* MONTENEGRO, 2004, p. 31).

Segundo Montenegro (2004), dentro de um critério oficial, o *Diário do Governo do Ceará* foi o primeiro jornal cearense, cujo redator, Padre Melo Mororó, o utilizava como meio de divulgação de suas convicções liberais, tendo se envolvido no embate da Confederação do Equador. Padre Mororó começou a ter contato com as ideias liberais graças à leitura do jornal *Correio Brasiliense*. Quando soube da notícia do fechamento da Constituinte de 1823, liderou o repúdio de Quixeramobim ao autoritarismo do imperador D. Pedro I. Surge, então, o movimento que culminaria na Confederação do Equador. As leituras que inspiraram a posição política de Padre Mororó serviram também de referência para que publicasse o primeiro jornal do Estado, o *Diário do Governo do Ceará*, por meio do qual o movimento dissipou suas ideias revolucionárias durante a confederação.

Todavia, segundo informações de Studart, circulou antes do jornal oficial, a *Gazeta do Ceará*: “Realmente houve uma gazeta no tempo daquele notável homem de governo, mas essa não era impressa, redigia-a o próprio Sampaio, que a fazia circular; posso afirmá-lo, pois, que tal gazeta faz parte de meu arquivo. Chamava-se *Gazeta do Ceará*” (STUDART, 1924, p. 34).

Entretanto, por falta de fontes acerca das origens desse jornal, é praticamente impossível explicar sua existência, bem como sua continuidade. Daí a preeminência oficial atribuída ao *Diário do Ceará*, na impossibilidade de uma reconstituição segura dos primeiros tempos do jornalismo cearense. De acordo com Nobre “O que se escreveu, até agora, sobre a fase primordial do jornalismo no Ceará, não pode ser considerado definitivo, porquanto existem vários pontos a esclarecer” (NOBRE, 1972, p.60). O período de 1817 a 1824 foi um dos mais agitados da história do Nordeste, devido ao inconformismo da população com relação à política oficial, daí o florescimento de diversas folhas panfletárias.

O jornalismo em Fortaleza desenvolveu-se num processo, no qual podem ser identificadas três fases: a primeira, no início do século XIX, foi marcada pelas origens das atividades jornalísticas na cidade; a segunda, desde a metade da década de quarenta até o final da de sessenta – ambos do século XIX – caracterizou-se por um crescimento e diversificação dos periódicos, surgindo, então, a maior parte dos diários de extensa longevidade e a imprensa literária; e a terceira, nas três últimas décadas do século XIX, quando se deu um processo de amplo desenvolvimento e apogeu do jornalismo, até os prenúncios da crise que culminaria com o declínio, na virada daquela centúria para a seguinte.

A divulgação de matéria literária constituiu-se uma tradição junto à imprensa cearense, especialmente nos jornais diários que, desde cedo, dedicaram algum espaço em suas páginas para apresentar trechos de obras literárias, por meio da seção “Folhetim”. Esta seção, no entanto, destinava-se, essencialmente, a divulgar os escritos de autores estrangeiros ou de renomados escritores brasileiros; ou seja, os “clássicos” da literatura, não ocorrendo maiores oportunidades para os poetas e prosadores da conjuntura local ou regional. Além disso, os folhetins eram apresentados ao “pé-de-página”, e apareciam (ou desapareciam) de acordo com o espaço disponível, não sendo considerados matéria imprescindível à publicação como um todo (MONTENEGRO, 2004). A seção “Folhetim” caracterizava-se, ainda, por uma simples transcrição das obras, não havendo qualquer preocupação em abordar mais profundamente ou discutir aspectos ligados à literatura como a temática, a história ou a crítica.

Foi somente a partir do final da década de setenta que passou a desenvolver-se um jornalismo essencialmente vinculado à divulgação literária. Repetindo um fenômeno que se dava nas maiores cidades do país, as folhas literárias eram, normalmente, iniciativa dos

próprios autores ou de indivíduos ligados à difusão da literatura, em geral, pertencentes a agremiações literárias e/ou culturais (SODRÉ, 1966). Esses periódicos surgiam numa fase de transformação das práticas jornalísticas, respondendo a uma nova conjuntura socioeconômica e política que se anunciava, na qual as preocupações com a cultura, as ciências e as humanidades se encontravam em embrião, fomentando a procura por material de leitura e atualidade capaz de desenvolvê-lo.

Nesse sentido, as publicações literárias gestaram-se nesse contexto social, especializando-se progressivamente no atendimento dessas novas necessidades. Nessa linha, o surgimento desta imprensa literária insere-se num processo de desenvolvimento cultural da cidade de Fortaleza, no qual as diversas agremiações artísticas que se formavam desempenhavam significativo papel na demonstração de que a “porta de entrada” da Província era bafejada pelos princípios básicos da civilização, conforme os padrões europeus.

O Ceará não podia eximir-se à proliferação das academias, arcádias ou agremiações literárias em voga na Europa desde o século XVII e no país desde o século XVIII. Além disso, há outro motivo que também explica o aparecimento dessas sociedades na província: não havia no Ceará nenhum estímulo às produções intelectuais e artísticas bem como à publicação de livros. Sendo assim, intelectuais reuniam-se em agremiações em Fortaleza, tendo como intuito promover a fermentação de ideias, o gosto artístico e, principalmente, a formação de um público leitor. Para tanto, lançavam jornais e revistas em que publicavam os mais diversos tipos de textos que “além de sanar os problemas relacionados com as dificuldades eventuais de edição da obra em volume [...] também era uma interessante oportunidade [...] de lançar uma espécie de balão de ensaio, através do qual poderiam sondar a aceitação do público” (BRITO, 2003, p.60).

Referindo-se às causas que determinaram o surgimento dessas sociedades na Capital cearense e sua grande importância intelectual, escreveu Pessoa, no final do século XIX:

[...] essas agremiações não deixam de ser interessantes e até certo ponto se justificam. No meio provinciano falece de todo o estímulo a qualquer produção de arte. [...] Não há como se celebrar um gênio, fulgindo nessas colunas febris, consagradas a fins mais altos que acolher lucubrações literárias. Depois, o poeta, que é amanuense do governo, não tem guarida no jornal da oposição, e contista, que frequenta os salões e namora a filha do chefe político em oposição, nunca achará agasalho na folha oficial. A publicação de livros é um martírio: o preço da edição – exorbitante, e ninguém quer ou sabe lê-los, quanto mais comprá-los. (PESSOA *apud* BARREIRA, 1948, p.63).

Pessoa sabia das dificuldades do meio, até fez parte de uma dessas agremiações que procuravam sacudir Fortaleza, o Centro Literário. Intelectuais como ele, ou seja, que tinham interesse em publicar suas ideias, só encontravam certo desafogo nessas sociedades, nas quais discutiam variados assuntos, reuniam-se para lerem suas produções, fundavam jornais e revistas, desenvolviam seus talentos e partiam para voos mais largos, pois, afinal, vários escritores cearenses renomados, reconhecidos em todo o país, no início de suas carreiras, fizeram parte desses grupos, como é o caso de Juvenal Galeno, Araripe Junior, Rocha Lima, Tomás Pompeu, Adolfo Caminha, Antônio Sales, Oliveira Paiva, entre outros.

O estudioso cearense Leonardo Mota (1938, p. 4-7), num trabalho sobre a Padaria Espiritual, apontou, em ordem cronológica, 37 sociedades intelectuais que surgiram entre os anos de 1870 e 1900 no Ceará: Fênix Estudantil (1870), Academia Francesa (1873), Gabinete Cearense de Leitura (1875), Gabinete de Leitura - Baturité (1875), Instituto Histórico e Geográfico Cearense (1877), Gabinete de Leitura - Aracati (1879), Associação Literária Uniense - União (1879), Gabinete de Leitura - Granja (1880), Recreio Instrutivo (1881), Gabinete de Leitura - Pereiro (1883), Club Literário Cearense (1884), Gabinete de Leitura - Campo Grande (1884), Sociedade Rocha Lima (1884), Grêmio Literário (1885), Gabinete de Leitura - Ipú (1886), Club Literário (1887), Instituto do Ceará (1887), União Cearense - Baturité (1887), Sociedade Ensaios Literários (1887), Club Literário e Recreativo Ipuense (1887), Gabinete de Leitura - Barbalha (1889), Sociedade União e Concórdia (1890), Club Literário e Democrático - Porangaba (1890), Biblioteca 16 de Novembro - Baturité (1890), Sociedade Silva Jardim (1892), Sociedade José de Alencar (1892), Sociedade Literária 11 de Janeiro - Cariri (1892), Padaria Espiritual (1892), Centro Literário (1894), Academia Cearense (1894), Congresso de Ciências Práticas (1894), Apostolado Literário - Baturité (1894), Congresso Estudantil (1895), Club Literário e Musical Alberto Nepomuceno - Quixadá (1895), Club Adamantino (1898), Iracema Literária (1899), Boemia Literária (1899), Romeiros do Porvir - Crato (1900).

Até 1870, o Ceará ainda não possuía uma associação de relevo. Para Mota, o precursor dos idealizadores das associações foi Rocha Lima:

Não hesito em apontar em Rocha Lima o verdadeiro precursor dos ideadores da socialização de nossos letrados. O, mais tarde, autor de "Crítica e literatura" tinha jeito para controlar inteligências. Em 1870, com João Lopes e Fausto Domingues, ele fundara a "Fênix Estudantil", que era um sodalício de rapazinhos, de vez que Rocha Lima tinha, então, 15 anos, João Lopes 16 e Fausto Domingues 19. Note-se: quem, um triênio depois, daria na famosa "Academia Francesa", provas de ferrenho agnosticismo, começará pondo a "Fênix Estudantil" sob o patrocínio de São Luiz de Gonzaga [...]. (MOTA, 1938, p. 11).

José Veríssimo, no capítulo “A literatura provinciana”, de sua obra *Que é literatura? e outros escritos*, ao fazer referência à Academia Francesa do Ceará, à Padaria Espiritual, ao Centro Literário e à Academia Cearense, também cita Rocha Lima e seu grupo como precursores. Escreve o crítico que nas décadas de 70 e 80 do século XIX, quando ocorreu um “movimento espiritual” em todo o Brasil, o Ceará também teve o seu grupo literário, dirigido, especialmente, para a crítica e a renovação filosófica de Comte, Spencer, Taine e Renan:

Foram dele Capistrano de Abreu, Tomás Pompeu, Virgílio Brígido, o malgrado Rocha Lima e outros, que apenas namoraram as letras, sem com elas se casarem. Publicaram efêmeros jornais literários, folhetos e não sei se algum livro. Mas lançaram, na terra árida, a semente que frutificou na Padaria Espiritual, na Academia Cearense, onde Pompeu continua a trabalhar, no Centro Literário. E não é muito dizer que talvez seja depois do Rio o Ceará a terra do Brasil onde é menos apagada a vida literária e maior a produção. É considerável o que eles têm publicado de livros de versos nestes últimos anos [...]. (VERÍSSIMO, 1907, p. 113-14).

No Ceará, como já foi dito, foi mediante a ação dessas associações, revistas e jornais literários, que lhe serviram de órgãos, que as letras cearenses se expandiram, fecundaram e frutificaram. Entre estas sociedades algumas tiveram existência curta e efêmera, outras longa e intensa, como é o caso da Academia Francesa, Gabinete Cearense de Leitura, Club Literário, Instituto do Ceará, Padaria Espiritual, Academia Cearense, Centro Literário, entre outras.

A Academia Francesa, fundada em 1872 por Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, Xilderico de Faria, João Lopes e Tomás Pompeu Filho, parece ter sido fruto da viagem de Rocha Lima, em 1871, a Pernambuco. Nesta época, estava em plena efervescência crítica e filosófica a Escola do Recife, cujo principal representante era Tobias Barreto. Imbuído de novas ideias adquiridas durante a temporada pernambucana, ao voltar para o Ceará, procurou propagá-las, para tanto criou um centro cultural de onde pudesse irradiá-las e torná-las fecundas. Desse modo, nasce a Academia Francesa que, influenciada pelas inovações europeias do último quartel do século XIX movidas pelo progresso, ciência e tecnologia, combateu os setores tradicionais da sociedade cearense, como a Igreja, e questionou questões complexas da realidade da época como o atraso intelectual, o ajustamento social à ordem industrial-civilizatória oriunda dos países europeus, o progresso, o trabalho e a educação.

No dia 02 de dezembro de 1875, surge o Gabinete Cearense de Leitura, um centro de estudo com quase dois mil volumes, sendo algumas obras raras, que criou um curso de conferências públicas, aulas de língua e ciências e um curso noturno de instrução primária (BARREIRA, 1948). Fizeram parte do Gabinete Cearense Rocha Lima, Tomás Pompeu,

Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, João Lopes, Xilderico de Faria, Clóvis Bevilaqua, Antônio Martins, Guilherme Studart e Paula Nei. Tendo como interesse principal a formação de um público leitor na província, o Gabinete também proporcionou um alargamento do domínio cultural dos cearenses bem como um aumento do interesse literário. Procurando explicar a inclusão dos gabinetes de leitura entre as sociedades literárias, diz Mota que “[...] essa inclusão se justifica, não apenas pelo real impulso por eles trazido à criação literária, com o disciplinar de vocações que desabrocham, mas também porque tais gabinetes valem por associações regularmente organizadas e orientadas quase sempre por espíritos de profl” (MOTA, 1932, p.08). O Gabinete extinguiu-se em 1886 e sua valiosa coleção foi doada à Biblioteca Pública do Ceará.

Fundado em 15 de novembro de 1886, o Club Literário, cujos principais membros eram João Lopes, Antonio Bezerra, Antonio Martins, Oliveira Paiva, José Olímpio, Abel Garcia e José de Barcelos, contou com a colaboração de nomes importantes como Juvenal Galeno, Farias Brito, Rodolfo Teófilo, Antônio Sales, Justiano de Serpa, Xavier de Castro e Francisca Clotilde (BARREIRA, 1948). Reunindo apenas intelectuais dados às Letras, o grupo tinha por fim promover a ascensão intelectual de seus associados bem como manter um órgão na imprensa, no caso o jornal *A Quinzena*. Este, que teve trinta números em um ano e meio de existência, veiculou crônicas de João Lopes; contos de Oliveira Paiva, José Carlos Júnior e Francisca Clotilde; ensaios de crítica literária de Farias Brito, José de Barcelos, José Carlos Ribeiro e Abel Garcia; e poemas de Juvenal Galeno, Justiano de Serpa, Martinho Rodrigues, Rodolfo Teófilo, Francisca Clotilde, Antônio Sales, Xavier de Castro, Virgílio Brígido, José Olímpio, José Martins, entre outros.

Em 1887, nasce o Instituto do Ceará, que teve como principais componentes Guilherme Studart e Antonio Bezerra. O intuito deste grêmio era o cultivo da ciência, das letras, da história e da geografia; sendo assim, manteve um órgão na imprensa cearense, a *Revista*, por meio da qual seus componentes publicavam seus textos.

A Padaria Espiritual surge, em 1892, das reuniões de um grupo de rapazes que se encontrava nas mesas do Café Java, um quiosque que ficava no centro de Fortaleza, para falar de literatura. O intuito maior do grupo era despertar nos cearenses, como fora de interesse de outras sociedades literárias, o gosto artístico, especialmente o literário. Entretanto, como já havia precedentes de sociedades literárias, muitas delas de traços tradicionais, então os integrantes da Padaria Espiritual, em especial seu idealizador, Antônio Sales, decidiram produzir algo original e, se necessário, até mesmo escandaloso, mas que repercutisse entre os cearenses. Desse modo, Antônio Sales deu um nome original ao grêmio, Padaria Espiritual, e, em seguida, elaborou seu inovador programa de instalação, que foi um verdadeiro sucesso. Apesar do espírito jovial e brincalhão dos padeiros, a verdade é que a Padaria Espiritual contribuiu muito para a promoção da literatura cearense.

Além de ter lançado o jornal *O Pão*, em que foram publicados vários contos, fragmentos e capítulos de romances, crônicas, poemas e textos de crítica literária, também foi a responsável pela publicação de um número considerável de livros.

A Academia Cearense de Letras nasce em 1894 e apresenta três fases. De acordo com Barreira (1948), seus fundadores foram: Tomás Pompeu, Pedro de Queirós, Valdimiro Cavalcante, Raimundo Arruda, Álvaro Mendes, Farias Brito, Antônio Augusto de Vasconcelos, Guilherme Studart, José Carlos Júnior, Virgílio Augusto de Moraes, J. Fontenele, José de Barcelos, Antônio Bezerra, Francisco Alves, Drumond da Costa, Eduardo Studart, Adolfo Freire, Eduardo Salgado, Alcântara Bilhar, Franco Rabelo, Benedito Sidou, Antonino Fontenele, Antônio Teodorico Filho, Álvaro de Alencar, Padre Valdevino Nogueira, Henrique Théberge e Justiniano de Serpa. A primeira fase, que apresenta trinta sócios efetivos, inicia-se em 15 de agosto de 1894 e estende-se até 17 de julho de 1922. Reconstituída por Justiniano de Serpa, a segunda fase da Academia vai de 1922 até 1930. Por fim, a terceira tem como marco inicial a década de trinta e chega até os dias de hoje. Uma das condições imprescindíveis para a admissão como sócio era a publicação de uma obra artística, literária ou científica ou a apresentação de um manuscrito a ser publicado. Os idealizadores da Academia tinham como objetivo estudar novas teorias e adaptá-las ao contexto em que viviam, bem como promover a instrução, sobretudo a profissional. Considerada por Raimundo Girão a mais antiga do Brasil, a Academia Cearense de Letras tem contribuído muito para o florescimento da literatura cearense, seja publicando sua *Revista* seja organizando conferências e cursos.

Em 27 de setembro de 1894, surge o Centro Literário, tendo como sócios fundadores Juvenal Galeno, Viana de Carvalho, Temístocles Machado, Papi Júnior, Álvaro Martins, Luiz Agassiz, Pedro Moniz, Alves Lima, Alfredo Severo, Jovino Guedes, Quintino Cunha, Frota Pessoa, Alcides Mendes, Farias Brito, Rodolfo Teófilo, José Olímpio, Eduardo Sabóia, Francisco Barreto, Tancredo de Melo, Almeida Braga e Belfort Teixeira (MOTA, 1932). De acordo com Mota (1932), o Centro Literário originou-se do afastamento de Álvaro Martins e Temístocles Machado da Padaria Espiritual. O Centro, que durou dez anos, organizou conferências literárias, editou obras, criou a revista *Iracema*, que lançou durante dois anos inúmeros textos, e prestou auxílio a grupos congêneres.

Após o fim das agremiações citadas, outras surgiram no contexto cearense, bem como seus jornais e revistas, favorecendo o desenvolvimento da arte e da ciência, como é o caso do Grupo Clã, o *Almanaque cearense*, *Revista Moderna*, entre outros. São muitos os nomes a serem citados, pois a produção intelectual cearense é muito vasta, todavia o mais importante é enfatizar a relevância que esses grupos tiveram na promoção da literatura cearense. Além de servirem como espaço de encontro de intelectuais, em que eram discutidos os mais diversos assuntos, as agremiações lançavam inúmeros escritores e seus

livros, e disponibilizavam na imprensa jornais e revistas em que publicavam vários gêneros literários. Outro dado importante a ser citado é a preocupação com a formação de um público leitor na província, ou seja, pessoas de gosto apurado que pudessem saborear obras literárias, bem como apresentar posições bem definidas sobre os vários assuntos discutidos no cenário nacional. Para tanto, promoviam conferências, sessões, criavam espaços para leitura e estudo, organizavam revistas e jornais, enfim, lançavam mão dos mais diversos recursos para desenvolver o gosto pela arte, especialmente a arte literária.

Uma das grandes preocupações dos jornais e revistas literários vinculados a essas agremiações literárias esteve ligada ao constante intento de demonstrar que suas propostas eram essencialmente culturais, não devendo suas páginas destinar espaço a outro tipo de matéria que não estivesse ligada à literatura, à arte ou ao entretenimento. Esse objetivo das folhas literárias esteve associado à busca por uma superação da pasquinagem, então bastante em voga, bem como ao objetivo de tornar-se progressivamente uma alternativa ao jornalismo político-partidário, predominante em significativa parte da existência do jornalismo não só cearense como nacional. Ao lado dos noticiosos, os literários procuraram romper com a situação então vigente, especializando-se na difusão de notícias e na discussão de assuntos de atualidade sem compromisso doutrinário. Era, assim, uma tentativa de criar um jornalismo alternativo à prática intrinsecamente opinativa que marcava a imprensa até aquele momento.

Nesse contexto, as folhas literárias cearenses que circularam na segunda metade do século XIX buscaram demarcar o seu território na prática de um jornalismo mais ameno, voltado à erudição e ao entretenimento, em oposição às folhas de caráter opinativo que sustentaram os mais variados embates político-partidários e/ou pessoais.

As iniciativas ligadas ao jornalismo literário estiveram quase sempre vinculadas às práticas da pequena imprensa, ou seja, eram periódicos em geral de pequeno formato, distribuição não diária, normalmente irregular que apresentavam sérias dificuldades na manutenção de sua circulação, os quais nem sempre eram elaborados em oficinas próprias, dependendo dos serviços de terceiros para serem impressos, como fica descrito em um artigo de abertura do jornal *O Pão*, n.º 2, intitulado “Artigo de fundo”:

Queremos apenas deixar bem acentuado no espírito do leitor que *O Pão* não saiu há mais tempo por falta absoluta de tipografia que o imprimisse, porque a todas que existem nesta terra pedíamos que imprimissem *O Pão* e todas respondiam que não. Não é que houvesse da parte delas o propósito de uma recusa ao nosso jornal, que só tem por inimigos a burguesia; mas havia a deficiência de meios com que satisfazer aos compromissos já tomados e imprimir *O Pão*. (*O PÃO*, n.º 2, 30 de outubro de 1892, p.2).

Em geral, eram jornais de confecção artesanal, nos quais um único indivíduo executava as mais variadas funções, desde a elaboração até a distribuição do produto final. Muitas vezes sem empregados, era o próprio proprietário quem se encarregava da redação, da formatação, do trabalho tipográfico e das vendas dessas folhas, como é descrito pelo padeiro Jovino Guedes, ao descrever a venda e também a divulgação do jornal *O Pão*. Aos domingos, os membros da Padaria Espiritual dirigiam-se ao Café Java de posse dos exemplares e os ofereciam a quem passava pelo local:

Após um curto itinerário feito em torno da praça do Ferreira, instalaram-se no Café Java. Fazendo ponto de reduto d'aquela popularíssimo estabelecimento, os padeiros, cada um por sua vez e todos a um tempo, investiam n'uma avidez de faminto a todo simples mortal que passava d'aquelas dependências, e pediam-lhe que, por quem era, comprasse-lhes "*O Pão*". E foi dess'arte que duas horas depois..., duas horas! ... achava-se completamente esgotada a edição de 2.496 exemplares do 2. n.º d' "*O Pão*". E foi ainda d'esta arte que todas as pessoas a quem oferecemos "*O Pão*" o compraram da melhor vontade e com a maior gentileza, a exceção de dois burgueses que tiveram o inaudito desplante de o recusar; um pela imperiosíssima circunstância de não saber ler, outro por se achar muito azoinado (*sic*) de umas malditas homorróidas. (*O PÃO*, n.º 7, 6 de novembro de 1892, p.1-2.).

Nesse sentido, a imprensa literária também apresentou esse caráter de ser implementada valendo-se de iniciativas individuais que, apesar dos constantes obstáculos, e, às vezes, das condições precárias, conseguiram manter a circulação de periódicos de razoável qualidade editorial, embora de pouca perenidade.

Os editores reclamavam, também, do pouco interesse demonstrado pela população com relação à leitura de textos literários. Essa falta de interesse foi destacada pelo literato João Lopes, do jornal *A Quinzena*, ao afirmar que:

Se na capital do império, metrópole da civilização sul americana, o meio não é propício às letras e as publicações exclusivamente literárias mal podem, à custa de tenaz e mortificante sacrifício, romper a espessa crosta da indiferença pública para arrastar uma vida penosa e efêmera; na província, aqui por estes recantos do norte, parece desatino quebrar a homogeneidade beatificante rotineira da vida provinciana, para escrever sobre letras e artes e ciência. Vão assim objetar-nos os *homens práticos*, homens práticos que, por pouco que saibam, sabem belamente sentenciar ex-cátedra que o nosso público é infenso, senão hostil a isso de literatura "que não bota ninguém para adiante". (LOPES apud BARREIRA, 1948, p.86).

Durante as reuniões do Club Literário, grêmio responsável pela publicação de *A Quinzena*, os integrantes liam diversos livros, jornais e revistas, e apresentavam palestras

sobre diversas áreas do pensamento. Promoviam também conferências públicas em que defendiam a leitura, a literatura e outros ramos do conhecimento.

Na instalação do Gabinete Cearense de Leitura, o professor do Liceu e bacharel em Direito, Gonçalo de Almeida Souto, ao descrever os objetivos do novo grêmio, fala sobre a importante e difícil tarefa à qual o grupo se propunha: instruir a população, difundindo o conhecimento por meio da leitura, bem como o gosto pela “cultura das letras”:

O nosso povo, em geral, tem fome e sede de instrução; mas debate-se na impossibilidade quase absoluta de alcançá-la. [...] Em vez da luz, o fumo do carvão de pedra; em vez da fé, o cepticismo, a descrença, a impiedade [...] Não há, porém que desanimar. Se por um lado somos assim tolhidos em nossas mais justas aspirações, aí está a iniciativa particular a tomar sobre si a gloriosa tarefa de animar e difundir a instrução, proporcionando a leitura dos bons livros; aqui estais vós que, neste momento, lavrais um solene protesto contra essa indiferença que nos espinha, é verdade; mas que nunca será capaz de arrefecer em nós – os cearenses – as tendências para os grandes comedimentos. (STUDART, 1924, p.224).

Concluindo seu discurso, apresenta a função do Gabinete Cearense:

Sim, meus senhores, a inauguração deste estabelecimento literário é um fato que muito depõe em favor da nossa terra, onde ainda há homens que bem merecem dela, criando um foco de instrução para muitos dos seus filhos, e plantando o gosto pela cultura das letras. (STUDART, 1924, p.224).

O escritor Adolfo Caminha também comenta sobre a falta de leitores em uma de suas crônicas ao dizer que: “A capital do Ceará, encantadora como uma pérola do Oriente, bela como a conheceis, é, entretanto, uma cidadezinha sofrivelmente atrasada com laivos de civilização. Se temos duas livrarias, em compensação não lemos livros que prestem.” (*O PÃO*, n.º 2, 17 de julho de 1892, p. 1)

A falta de leitores que tanto assustava e irritava os intelectuais do período, não escapou a Sílvio Romero, que escreveu o seguinte, nas páginas de sua *História da literatura brasileira*:

No meio de tudo isto, quem entre nós escreve e quem entre nós lê? Não são, de certo, os lavradores, os negociantes, os criadores, os industriais, os políticos nem os administradores. Somente as classes acadêmicas e alguns empregados públicos saídos dessas classes. É a regra geral. (ROMERO, 1980, p. 96-97).

As considerações do intelectual sergipano aplicam-se inteiramente ao caso cearense. Os inúmeros conflitos políticos, econômicos e sociais pelos quais a Província passou, aliados ao primitivo desenvolvimento dos centros urbanos, devido à força do campo

na economia, atrasaram o surgimento de manifestações significativas no campo intelectual, não permitindo uma maior expansão cultural e a formação de leitores. Soma-se a isso a inércia cultural e a falta de escolas adequadas.

Deparando-se com um incipiente público leitor, algo que preocupava e muito os integrantes das agremiações literárias da época, dando continuidade a uma tradição que já se encontrava em vários jornais do período, os redatores dos periódicos cearenses procuraram adquirir, por meio de seus textos, novos leitores. Cientes das limitações do meio e da necessidade de cativar os leitores aos poucos, suavemente, procuraram lançar mão de textos simples, de uma linguagem sedutora e digestiva que despertasse o interesse do leitor tanto pela leitura do texto ficcional como do de crítica, publicados nas páginas dos jornais. Entre os recursos mais utilizados estão a crônica e o noticiário literário. No primeiro gênero, ironia, polêmica, crônica ligeira misturavam-se a pequenas considerações de ordem literária, desse modo, transmitindo, indiretamente, informações literárias aos leitores. O segundo caracteriza-se por informar o público sobre a existência de autores e obras literárias, procurando despertar sua curiosidade para a leitura das mesmas, ao mesmo tempo que aumentava seu restrito conhecimento literário.

Com base na leitura dos textos publicados nos periódicos do período, verifica-se que estes tinham o intuito de renovar o pensamento da sociedade leitora à qual se dirigiam, com a intenção de fazê-la perceber a importância do escritor e dos estudos em geral para o desenvolvimento e crescimento intelectual da região. É possível observar, também, o comprometimento cultural e social que a crítica, bem como a literatura e as artes, mantinham com a sociedade no final do século XIX.

Além da falta de leitores em Fortaleza, outra dificuldade na manutenção das folhas literárias esteve ligada à inadimplência dos assinantes, que tiravam a praticamente solitária forma de arrecadação dessa imprensa. Isso levava os jornais a manifestarem-se abertamente contra essa situação, como o aviso que aparece em *O Pão*, n.º 29:

Pedimos encarecidamente aos nossos assinantes do interior e dos Estados, que se acham em atraso, o estimável obséquio de mandarem pagar e reformar suas assinaturas até o fim de dezembro vindouro afim de que não lhes seja interrompida a remessa d'*O Pão* de janeiro em diante. Para este importante assunto chamamos a atenção de nossos prestimosos correspondentes e agentes. (*O PÃO*, n.º 29, 1 de dezembro de 1895, p. 4).

Os obstáculos relacionavam-se, também, à dificuldade na obtenção de matérias, como destaca Adolfo Caminha ao descrever, de forma bem humorada, as peripécias de um redator para conseguir a composição de seu texto:

Longos, intermináveis e modorrentos os sete dias últimos. Consulto meu secreto canhenho de cronista provinciano e quase nada encontro nele digno de figurar nas adoráveis colunas d'*O Pão*, a não ser o lamentável caso do vapor Alcântara que um descuido verdadeiramente fatal e criminoso arremessou às inóspitas praias de Piquara. Excelente assunto, na verdade, mas próprio, porém, para um libelo ou para uma crônica hebdomadária, leve, diáfana, onde cada frase deve encerrar um conceito finamente xistoso e inofensivo, uma crônica como deveria ser esta que me propus a escrever, cheia de humorismos bons e tonificantes, alguma coisa semelhante a uma página alegre de Jules Janin ou de França Júnior, que a gente pudesse saborear aos domingos, antes do almoço e depois do café matinal, de volta do banho, pele fresca cheirando a sabonete inglês, espírito despreocupado das coisas pesadas e graves; uma crônica, enfim, escrita ao correr da pena, sem pedantescos sermões doutrinários. (*O PÃO*, nº 1, 10 de julho de 1892, p. 6).

O caráter artesanal e a impossibilidade de contratação de pessoal para a realização das diversas tarefas, ficando sobrecarregados os proprietários, foram outros fatores que limitaram a ação da imprensa literária. A impossibilidade de manter uma circulação regular foi um dos elementos motivados por aqueles fatores, ocorrendo, diversas vezes, a interrupção das edições, como ocorreu com o jornal *O Pão*. Após o surgimento dos seis primeiros números, que circularam de julho a novembro de 1894, o jornal dos padeiros sai de circulação. Os outros trinta números, a começar pelo n.º 7, reaparecem no início de 1895, agora em tamanho maior e com a presença de um diretor, Antônio Sales, e um gerente, Sabino Batista (1868-1899). No primeiro número dessa nova série, isto é, o n.º 7, há um artigo inicial, intitulado “Voltando”, que assim se refere ao retorno do jornal:

Depois de uma ausência que muitos talvez já considerassem eterna, volta agora *O Pão* às pugnas da inteligência, e volta, como vêem, mais crescido, mais circunspeto e mais forte. A notícia de seu regresso despertou um movimento de simpatia no público cearense, ao qual não temos palavras bastantes para agradecer a boa vontade com que nos proporcionaram os meios precisos para que tivesse a nossa modesta mas operosa associação um veículo das suas produções, um registro dos seus esforços em prol do adiantamento literário de nossa terra. Robustecida pela aquisição de novos obreiros, estimulada pelos aplausos que tem conquistado em todo o país, espera a Padaria Espiritual prosseguir honradamente na sua missão, juntando novos triunfos aos que já assinalaram a sua trajetória. (*O PÃO*, n.º 7, 1.º de janeiro de 1895, p. 1).

Leonardo Mota, referindo-se à segunda fase do jornal, comenta que:

Antônio Sales alardeava, cheio de otimismo, orgulhoso do passado, satisfeito com o presente, e crente no futuro d' *O Pão*: – “Muitas das melhores penas brasileiras e algumas estrangeiras têm perlustrado as nossas colunas, onde figuram jóias literárias de valor precioso e de valor real. Rara é a obra que aparece no Rio ou nos Estados que não seja oferecida por seu autor com dedicatórias honrosas. A remessa da nossa revista é vivamente solicitada por todas as sociedades literárias que se vão

organizando e pelas publicações que surgem. Finalmente não nos tem faltado o calor da simpatia pública, nem motivos de satisfação para a nossa vaidade – um travo que toda gente tem, mas que nem toda a gente confessa ter, seja embora um sentimento nobre e legítimo, quando assenta em bases honestas. Seria, pois, ofensa a Deus o queixarmos da sorte. Mesmo porque isso de sorte é, o mais das vezes, o bode expiatório dos nossos erros”. (MOTA, 1938, p.80).

Essas considerações de Antônio Sales sobre o presente próspero do jornal não se mantiveram por muito tempo, pois, logo após tais comentários, o jornal parou de circular durante oito meses, voltando à ativa no dia 15 de agosto de 1896, perdurando por apenas três meses, pois finda-se em 31 de outubro de 1896.

Apesar das dificuldades, as folhas literárias se espalhavam pela Corte e pelas províncias, servindo à difusão cultural, além de proporcionarem entretenimento ao público leitor. Nesse quadro, o desenvolvimento da literatura cearense do século XIX esteve intimamente vinculado ao aparecimento da imprensa e dos grêmios literários, pois os periódicos, em sua maioria lançados por essas agremiações, tiveram efetiva influência na produção literária da Província e na sua conseqüente divulgação, uma vez que os principais autores cearenses recorriam aos jornais e revistas, devido às grandes dificuldades que encontravam para a publicação e difusão de suas obras. Foram divulgados nesses jornais literários trabalhos dos mais representativos autores cearenses: romances, contos, poesias, correspondências e textos críticos. Assim, esses elementos difusores tiveram fundamental importância para o enriquecimento cultural da província, permitindo uma maior popularização da incipiente literatura local e regional.

De acordo com Barreira (1948, p.59), “a evolução das letras no Ceará se fez, quase sempre, preponderantemente, em torno das associações, academias ou grêmios literários e de seus órgãos especiais”, ou seja, seus jornais e revistas. Ocorre que muitos desses periódicos permanecem no esquecimento, intocados pela crítica e teoria literárias e depositados em bibliotecas particulares. Lançar luzes sobre eles pode significar rearticular visões sobre diferentes momentos da história da literatura cearense, estabelecer novas cronologias, reestruturar conceitos como influência e origem, evidenciando que o espaço cultural apresenta-se com fronteiras móveis, que podem ser redesenhadas pelo olhar do crítico, pela reflexão teórica sobre os atores colocados em cena pelo trabalho de descoberta e pesquisa.

As publicações em jornais e revistas, algumas delas só recuperáveis em coleções particulares, como ocorre com muitos periódicos cearenses publicados no final do século XIX, são consideradas por Jacques Petit (1977) como um último *avant-texte*, uma espécie de prova antes da publicação em livro, um último rascunho que se oferece à análise histórica. Esse traço reforça o caráter documental e memorialístico que jornais e revistas

possuem, até porque apresentam obras esquecidas que não foram republicadas em qualquer outro formato e que, muitas vezes, somente são revisitadas pelos pesquisadores; bem como autores que, se não fosse pela constatação de uma assinatura em alguma coluna pelo olhar de um estudioso, jamais seriam reconhecidos.

Daí a importância dos estudos acadêmicos que organizam e recuperam do esquecimento produções literárias publicadas em jornais e revistas. Tais trabalhos desempenham importante papel no âmbito da história da literatura, contribuindo para a recuperação, a preservação da memória da atividade intelectual e o lançamento de luzes sobre o contexto literário brasileiro. O estudo de periódicos recupera produtores e agentes culturais muitos deles flagrados nos seus trabalhos iniciais, associa suas produções a outros criadores e a grupos de escritores, estabelece etapas de formação intelectual e se nutre de fontes de informação que iluminam a trajetória posterior, muitas vezes mais madura, da vida de intelectuais e escritores.

Os periódicos especializados constituem material privilegiado de análise na caracterização da produção cultural de determinada época, ainda que guardem algo do imediatismo do cotidiano. Socializar, por meio de pesquisa e sua divulgação, os produtos que dizem respeito à memória cultural cearense e, por conseguinte, nacional, é, de alguma forma, transformá-los em bem coletivo e, simultaneamente, pensar a atuação do intelectual como existindo em um mundo público ou lutando em um (e por um) mundo público (ARENDETT, 1997).

Recebido em 1/8/2011

Aprovado em 16/9/2011

NOTAS

¹ Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça (1774-1823) foi um importante jornalista e diplomata brasileiro. Durante o período em que viveu em Londres passou a editar regularmente aquele que é considerado o primeiro jornal brasileiro: o *Correio Brasiliense*, que circulou de 1808 a 1823. Com esse jornal, passou a defender as ideias liberais, dando ampla cobertura à Revolução do Porto e às manifestações que antecederam a Independência política do Brasil.

² Manuel Inácio de Sampaio e Pina Freire (1778-1856), administrador colonial português, foi governador geral da capitania do Ceará entre 1812 e 1820. Também foi governador geral da capitania de Goiás até a proclamação da independência do Brasil.

REFERÊNCIAS

ARENDETT, Hannah. *A condição humana*. Trad. R. Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. 260 p.

- BARREIRA, Dolor. *História da literatura cearense*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1948. 245 p.
- BRITO, Luciana. *O Pão... da Padaria Espiritual (1892-1896) e sua produção crítica*. 2003. 148 f. (+anexo). Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2003.
- GIRÃO, Raimundo. *História econômica do Ceará*. Fortaleza: Editora do Instituto do Ceará, 1947. 234 p.
- MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *Padre Mororó: a revolução impressa*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2004. 110 p.
- MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual*. Fortaleza: Edésio, 1938. 130 p.
- NOBRE, Geraldo da Silva. Relações familiares e movimento da independência no Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t. especial, p. 34-52, 1972.
- O PÃO, Fortaleza-CE: Edições UFC/Academia Cearense de Letras/ Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1982. (Edição fac-similar).
- PETIT, Jacques. Le grand cataclysme des corrections. Note sur des manuscrits de Green et Mauriac. *Litterature: Genèse du Texte*. Paris: Larousse, n. 28, p.147-163, 1977.
- ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. 603 p.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. 501 p.
- STUDART, Guilherme (Barão de). *Datas e fatos para a história do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1924. 158 p.
- VERÍSSIMO, José. *Que é literatura? E outros escritos*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1907. 294 p.